



6º Simposio de Ensino de Graduação

SEGUIR VIAGEM

Autor(es)

FLÁVIA REDIVO

Co-Autor(es)

ANA CECÍLIA PEREIRA
ANDRÉIA CALDEIRA DA SILVA
DIEGO PARDINI
PAULO DANIEL SPADOTO
RODOLFO MORSOLETTA
TEO TAVEIRA

Orientador(es)

ANA MARIA CORDENONSSI

1. Introdução

Todos os viajantes têm algo a contar além do que levam na bagagem. Na rodoviária de Piracicaba é possível encontrar os mais diversos tipos, desde executivos até pessoas humildes que deixam tudo para trás decididos a tentar uma vida mais digna. São muitas realidades dentro de um mesmo local, desde os que esperam um dia todo para chegar ao destino, aos que viajam rotineiramente, a trabalho, para São Paulo. O funcionamento de uma rodoviária é distante da vida de muitas pessoas, acostumadas a viajar de carro. Para outras, essa rotina chega a ser desgastante, pois enfrentam horas de estrada todas as semanas, ao lado de pessoas completamente desconhecidas. Por esta razão se revela num espaço favorável a aproximação entre as pessoas. Muitas vezes é possível conhecer a vida inteira de uma pessoa em apenas uma viagem.

Desses contatos temporários é possível o surgimento de laços de amizade que se consolidam em momentos posteriores à viagem e nas despedidas entre os próprios passageiros e destes com os motoristas. O ônibus passa a ser o cenário de inúmeras histórias tristes, engraçadas, curiosas, mas também para o aparecimento de laços de afetividade.

E é isso que motivou a proposta deste documentário: descobrir como ocorrem as relações entre as pessoas que convivem por um período efêmero, reunidas em um mesmo local de forma aleatória e por circunstâncias alheias à vontade delas.

2. Objetivos

Assim, o objetivo deste trabalho foi conhecer um pouco desse universo dos usuários do sistema coletivo de

transporte para distâncias mais longas e registrar suas dificuldades, histórias tristes, curiosas e engraçadas que puderam experimentar nas viagens que realizam, bem como das pessoas que trabalham na rodoviária e em suas imediações. Além disso, o trabalho também permitiu conhecermos o processo de produção de um vídeo-documentário. Já tínhamos contato com a linguagem televisiva por meio da disciplina Telejornalismo, mas a produção de um documentário é bem diferente, pois permite a utilização de diversos recursos. Desse modo, outro objetivo foi também aprender na prática, a teoria e, com isso, os diversos mecanismos que ainda não haviam sido utilizados, bem como descobrir que nem todos os recursos podem ser utilizados por não se adequarem às propostas planejadas.

3. Desenvolvimento

Neste contexto, é possível encontrar pessoas com as mais diferentes histórias, algumas marcantes, outras rotineiras, que intercaladas mostram a realidade dos viajantes. A princípio a idéia era não utilizar sonoras (entrevistas) e apenas registrarmos o movimento da rodoviária. Entretanto, ao conversar com as pessoas, descobrimos uma outra possibilidade em função dos contatos (com os passageiros, o taxista e o motorista). Assim, a opção foi utilizar imagens sem off e sonoras curtas para dar mais ritmo narrativo. A proposta de trechos de músicas intercalando os diferentes blocos pretendeu dar similaridade entre o ritmo do documentário e o ritmo da rodoviária, onde múltiplas faces acontecem ao mesmo tempo, sem seguir qualquer linearidade temporal, exceto em relação aos horários dos ônibus.

Os entrevistados foram orientados a não olhar para a câmera para que a entrevista pudesse se tornar um diálogo mais espontâneo e rico. Algumas perguntas possibilitaram tratar de diferentes assuntos com os entrevistados, que se ficaram à vontade para falar sobre família, saudades, frustrações e vitórias.

Uma das questões fundamentais era sobre o motivo da pessoa estar viajando para outra cidade. As respostas foram as mais diversas e, para aquelas que estavam deixando tudo para trás, foi incluída uma pergunta sobre qual era a sensação de ir para um lugar desconhecido. Uma das fontes é um andarilho, que rendeu aproximadamente meia hora de entrevista.

A abordagem das pessoas foi a parte mais difícil, pois poucas pessoas que concordaram em dar entrevista. A proposta era encontrar um personagem para o documentário que fosse o fio condutor de todos os assuntos. Somente no processo de decupagem (assistir e registrar os trechos a serem utilizados) essa pessoa foi definida: um rapaz bastante espontâneo, que articulava muito as mãos e tinha longa experiência com rodoviárias.

Além da realidade vivida pelas pessoas que estão viajando, apresentamos também a rotina do lugar. Com isso, pudemos passar uma noção completa do que é a Rodoviária de Piracicaba para as pessoas que irão assistir ao documentário.

Como uma rodoviária tem uma dinâmica própria, com pessoas apressadas chegando e saindo a todo instante, em alguns momentos, os recursos técnicos não foram usados corretamente, como por exemplo, um microfone de lapela utilizado como se fosse o de reportagem para não perder a informação ou na condição do repórter ficar andando ao lado do entrevistado para não perder o ônibus. Da mesma forma, a opção por manter uma entrevista com problemas de áudio, com legenda sobreposta, por causa do ruído ambiente do local tem a mesma justificativa.

O som ambiente em certas cenas foi mantido para caracterizar o local onde as cenas se desenrolam, com seus ruídos peculiares, o que aumenta a credibilidade daquilo que é mostrado. Por outro lado, também é importante registrar o papel das músicas escolhidas, muitas delas previstas, mas descartadas durante a decupagem, por não serem compatíveis com as cenas gravadas.

Muitas imagens gravadas, até mesmo com poucos segundos de duração, puderam ser utilizadas, por comporem uma seqüência interessante e representativa do dinamismo da rodoviária, com recursos de edição em cortes secos, câmera lenta, imagens aceleradas, tudo no compasso das músicas escolhidas. O tipo de letra utilizado na abertura, na identificação das pessoas e para os créditos da ficha técnica final também foi escolhido com critério: a opção foi por uma letra arredondada, para acompanhar o fluxo em círculos da rodoviária, de saídas e chegadas de pessoas.

Transmitir o ambiente da rodoviária é um desafio, pois é algo que deve ser sentido e vivenciado pessoalmente. Assim, justificam-se as diversas imagens dos gestos das pessoas, como as compras de

passagens, olhares para o relógio, malas sendo puxadas, entre outros.

4. Resultado e Discussão

Sabíamos que pessoas de diferentes classes sociais passavam todos os dias pela Rodoviária de Piracicaba, mas constatamos que essa realidade é maior do que havíamos pensado. Com as entrevistas pudemos perceber que muitas pessoas deixam tudo para tentar uma vida nova em outra cidade, enquanto outras optam por viajar todas as semanas a trabalho, sem deixar a terra natal.

Foi comum encontrar pessoas viajando sozinhas com várias caixas na bagagem, enquanto outras estavam acompanhadas e com malas de rodinhas. Algumas tiraram o fim de semana para uma viagem de lazer, sendo que outras se deslocavam para o funeral de um familiar ou amigo, doença ou trabalho.

Algumas despedidas tinham abraços calorosos, outras eram mais discretas, com apenas um tchau através do vidro. Alguns choravam, outros sorriam. Os casais se declaravam ao se despedir, os pais davam conselhos aos filhos e algumas pessoas apenas acenavam com a mão.

Aprendemos que interagir com o espaço é extremamente importante, e a aproximação com os entrevistados também. Deixar a pessoa entrevistada à vontade também é função do jornalista, pois quanto mais relaxada a pessoa ficar, melhores serão as respostas.

5. Considerações Finais

A produção deste trabalho esteve vinculada à disciplina Redação e Expressão Oral em Jornalismo IV, que trata da linguagem noticiosa na televisão. Como outra disciplina já contempla o texto no telejornal e a produção do documentário tem outras características, esse trabalho permitiu perceber essas diferenças, bem como aplicar os princípios de investigação jornalística a partir da atividade prática.

O trabalho nos fez perceber o quanto é complexo fazer um documentário. Como participamos de todos os processos, pudemos aprender o que é decupar, escolher músicas adequadas ao assunto e editar. A visão que tivemos sobre televisão é muito mais abrangente, pois os boletins para telejornal são mais limitados, não permitem tanta interferência dos criadores.

Também possibilitou constatar a importância de o repórter ser a testemunha dos fatos para poder contar com detalhes as histórias de suas fontes. Além desses aspectos, o trabalho se revelou de uma riqueza muito grande em relação à descoberta de fontes anônimas normalmente negligenciadas pela grande mídia. Nesse sentido, nosso trabalho deu voz a essas pessoas totalmente desconhecidas do grande público e cumpre um papel importante na luta pelo acesso mais democrático aos meios de informação.

Trata-se de uma atividade acadêmica de caráter prático.

Referências Bibliográficas

COMPARATO, Doc. **Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

HOWARD, David & MABLEY, Edward. **Teoria e prática do Roteiro – guia para escritores de cinema e televisão**. São Paulo: Globo, 2002